

AGRICULTURA DE PRECISÃO E BIOTECNOLOGIA

T. Yamada

Durante duas semanas de julho, p.p., juntamente com mais 16 agricultores e agrônomos dos Estados do Paraná, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, tivemos a oportunidade de verificar os últimos avanços na agricultura americana.

Voamos até Atlanta-GA; de lá, de ônibus, viajamos por 4.200 km, primeiro a Tifton-GA e a seguir passamos pelos Estados de Tennessee, Kentucky, Indiana, Illinois, Iowa, para finalmente terminar em Saint Louis, Missouri, donde retornamos ao Brasil.

Além de agricultores, visitamos centros de pesquisa privados e das Universidades de Georgia, Indiana e Illinois, fábricas da John Deere e da Case, processadora de alimento (ADM), o Centro de Biotecnologia da Monsanto, e muitos *dealers* (venda de adubos, defensivos e principalmente de serviços).

Dois tópicos foram onipresentes, em todas as visitas: agricultura de precisão e biotecnologia. A tecnologia espacial está cada vez mais participante da vida civil. Assim, o GPS (Global Positioning System) permite, através de satélites, localizar a posição exata de qualquer objeto no relevo através da identificação das coordenadas – longitude, latitude e altitude. Com isto, é possível – escolhida a escala, por exemplo, 1 hectare –, fazer a adubação e o manejo de ervas daninhas, pragas e doenças, específicos para a área em questão. Estima-se que, hoje, 20% da área agrícola

dos EUA já usa esta tecnologia e prevê-se que no ano 2002 esteja presente em mais de 50%.

Outro grande desenvolvimento é na área de biotecnologia, com revolucionárias tecnologias. Até recentemente, o melhoramento genético era feito através de cruzamentos, nos quais selecionavam-se os materiais mais promissores. A biotecnologia refinou este processo, bombardeando os cromossomos com microgrânulos metálicos embebidos com o gen que se deseja inserir. Além de milho e de soja resistentes a herbicidas de contato como o Round-up, busca-se também inserir gens para resistência a pragas e doenças. No caso do algodão, busca-se ainda inserir gens para cores desejadas, evitando-se, assim, processos poluidores de tingimento de tecido. Estima-se que 30% da soja plantada em 1998 nos EUA seja Round-up Ready, número projetado em 50% para o ano 2000.

O que o agricultor brasileiro pode fazer frente a estas mudanças tecnológicas neste mundo de economia globalizada? Primeiro, estar ciente das novas tecnologias e que, se não for competitivo, estará fora do mercado. Segundo, alertar o governo para que lhe permita acesso a estas tecnologias nas mesmas condições que as do agricultor americano, seu principal parceiro na produção de grãos para o mundo. Isto ocorrendo, a agricultura brasileira continuará sendo competitiva e, acredito mais, poderá assumir a liderança mundial, graças à disponibilidade de novas áreas para plantio e ao clima favorável, que permite fotossíntese quase o ano todo.



T. YAMADA - diretor, eng^o agr^o, doutor

Associação Brasileira para Pesquisa da Potassa e do Fosfato

Rua Alfredo Guedes, 1949 - Edifício Rácz Center - sala 701 - Fone/Fax: (019) 433-3254

Endereço Postal: Caixa Postal 400 - CEP 13400-970 - Piracicaba (SP) - Brasil



ENTREGUE AOS CORREIOS
NESTA DATA

POTAFOS